

Sem
conferir

25 pp

1

Entrevista com a professora Jussara Góes em 26/10/2004

(Jussara) ... Bom, eu aprendi desde criança que a palavra lealdade é uma coisa muito importante e um dos motivos de eu ter colocado aquela faixa foi uma lealdade a José Monte Paixão, porque eu considero, que em um segundo momento, José Monte Paixão veio numa decisão para a emancipação de Mesquita, que nós já estávamos com tudo praticamente perdido. A Emancipação não ia sair, ela, desde o primeiro momento, ela foi tripudiada por Nova Iguaçu, os políticos da época não aceitavam a emancipação, porque era o último município ainda pertencente ao quinto distrito, o último, né. Então, várias foram as manobras políticas que não permitiram que Mesquita se emancipasse. E os primeiros idealizadores da emancipação, alguns faleceram, alguns continuam vivos, mas eu acho que com o passar do tempo, já também, embora quisessem emancipação por amor a Mesquita, já estavam até um pouco desacreditados, penso eu. E José Monte Paixão quando pegou a briga, pegou mesmo, e eu considero que a emancipação teve dois momentos, o início, _____, Ribeiro, Jacson Trindade, e outros... E um momento intermediário, que foi onde algumas pessoas permaneceram no movimento, não deixaram que ele morresse, e o momento decisivo, que foi o momento onde José Monte Paixão, que a principio era contra, depois ficou a favor, e ele... Eu considero que Mesquita emancipou nesse final, essa finalização foi ele. E como houve uma mudança de governo, porque Paixão ficou doente – uma pessoa que eu admiro muito –, ficou doente, e o governo que estava em Mesquita _____, embora fosse o vice de Paixão, mas não foi escolhido por ele, foi ditado, outorgado por um... Pelo... Na época o Brizola. Então, Paixão não teve como recusar esse vice senão a candidatura dele não aconteceria. E eu achei que no dia do desfile tinha que ter uma homenagem, eu achei que no dia da emancipação tinha que ter uma homenagem a ele, só que as escolas municipais não faziam essa homenagem porque eram contraria, porque era um adversário de Paixão. As escolas estaduais de Mesquita algumas não queriam porque os diretores se consideravam preocupadas em fazer alguma coisa que poderia ser partidária. Outras porque eram do PT, e logicamente concorrendo eram contrarias. Então a maneira, o quê que eu vi, eu fui e fiz duas faixas, aliás, eu não fiz só duas, eu fiz cinco, distribui por Mesquita algumas, e esta eu sai no desfile. A minha diretora me proibiu que eu saísse com ela na minha escola, no período que eu tive, porque eu sou funcionaria do estado, estou me aposentando agora, tenho 23 anos de _____, mas a diretora me pediu que não saísse porque, para eles poderia não causar uma boa impressão, então eu fiquei andando

fazendo a minha, como é que se diz? A minha manifestação solitária, e fiquei andando durante o desfile e realmente...

(FÁTIMA) – Qual foi o dia do desfile?

(JUSSARA) – O desfile, eu sinceramente estou em dúvida do dia, mas se não me engano foi 20 de Setembro, foi alguns dias antes da emancipação. Então eu fiquei no desfile andando para lá e para cá.

(FÁTIMA) – Você tem fotografias disso?

(JUSSARA) – Tenho, tenho fotografia sim...

(FÁTIMA) – Você com a faixa do desfile?

(JUSSARA) – Tenho fotografia com a faixa, só que eu não revelei, não vou revelar.

(FÁTIMA) – Mas se você revelar você pode me dar uma...

(JUSSARA) – Lógico...

(FÁTIMA) – Me emprestar pra eu *scanear*?

(JUSSARA) – Posso, tranqüilamente. Para mim é um orgulho muito grande falar em Mesquita. Eu nasci no dia 31/07/1951, em Mesquita, na praça, na farmácia de Mesquita, primeira farmácia de Mesquita, que foi a primeira farmácia, primeiro farmacêutico foi meu pai, Farmácia Brasil, na praça de Mesquita, onde hoje é uma lanchonete, e eu nasci ali e fui criada em Mesquita, sou nascida e criada em Mesquita, tenho um orgulho muito grande daqui, então o que for para o meu município... Com grande prazer que eu falo, então voltando a faixa, aí eu achei que era uma maneira de eu homenagear o homem que deu a sua saúde por Mesquita, porque o Paixão teve esse derrame não foi só por causa de Mesquita, uma série de problemas, a idade, o trabalho, a família, uma série de motivos, de problemas, mas Mesquita foi algo assim que acrescentou para que ele tivesse esse derrame, não foi só isso tá, eu quero deixar bem claro que Mesquita não deixou Paixão doente. Mesquita foi um dos motivos. Uma câmara que era contrária, muita coisa. Paixão trabalhou muito sob decretos, porque a câmara não aprovava nada, isso é verdade. Que... Um exemplo: aumento de professores. A câmara nunca aceitou que os professores tivessem um aumento. Os diretores. Então, o Paixão para fazer alguma coisa tinha que fazer isso, é abono uma série de coisas. Paixão ficou doente hoje, entrou o governo, no mesmo mês votaram o aumento que ele queria e deram o aumento para o professor, então como é que na época dele não... Então Paixão trabalhou muito com decretos, a câmara era contrária a ele, dos nove, seis eram contra e três eram a favor. Então foi uma dificuldade muito grande administrativamente, então, eu dou valor muito a isso...

Mesquita teve um salto, quem nasceu em Mesquita, quem é criado em Mesquita deu um salto, a praça de Mesquita é a coisa mais linda, a preocupação, eu como diretora do Manoel Reis, a merenda escolar uma coisa de primeira, uniforme, o material, tudo de primeiro, coisa de primeiro mundo, as carteiras das salas foram todas reformadas e eu achei que o Paixão foi esquecido no dia do, na semana da emancipação, justamente por isso, porque as escolas tinham, o prefeito e a prefeitura não... Era contrária a falar no nome dele. O estado, as escolas estaduais de Mesquita, umas são diretoras do PT, não queriam, e algumas com medo de se pronunciarem e serem interpretadas... Então eu, não tenho medo disso, porque eu não estou mentindo, eu estou falando a verdade, então eu sozinha peguei a faixa e sai, com a professora Dulcinéia, que era a diretora da creche, e que quando viu, ela no primeiro momento “não, você é maluca, não vou fazer isso”. Mas, num segundo momento ela também abraçou a faixa. Tanto é que eu coloquei o nome dela na faixa, que eu fiz duas, uma para mim, outra para ela, uma falando que as crianças agradeciam e outra aquela que você viu. Então eu achei que era uma questão de lealdade e de justiça homenagear José Monte Paixão, e não homenageei como queria, porque no dia 25 eu fiquei na praça, com o retrato dele...

(FÁTIMA) – Eu notei, eu passei lá...

(JUSSARA) – Eu tenho o retrato dele, eu tenho essa foto. Eu tirei... Eu peguei um retrato dele e fui para a praça de Mesquita, não sou maluca, não sou, quer dizer, não sou nem muito, mais ou menos, e também não sou. Não é que eu esteja vangloriando, como é que se diz, idolatrando, não é isso. Acho que era questão de justiça, acho que tinha todo mundo ir para a rua agradecer José Monte Paixão, como agradeceu os primeiros. Tanto é que nesse documento que te dei, a gente fala na primeira reunião, que foi em 1956, presidida pelo senhor _____ pelo doutor Jacson Trindade, grande amigo do meu pai, a quem eu tenho um enorme carinho, me viu pequena, então eu tenho um orgulho muito grande, inclusive eu falo com meus alunos que eu tenho um orgulho muito grande de conhecer todas as pessoas daquela comissão daquela primeira comissão, é um orgulho para mim. Quando você cita o nome de alguém, eu conheço, fui amiga, eu tenho 53 anos, mas eu tenho um orgulho muito grande, desde pequena, conviver com esse povo, quer dizer, em 56 eu tinha cinco anos, e eu nasci e fui criada com esse propósito, embora meu pai fosse um _____, primeiro farmacêutico, ele não se envolveu nesse primeiro momento...

(FÁTIMA) – Não se envolveu?

(JUSSARA) – Não se envolveu, eu não sei porque. Porque eu era criança, não sei porque, talvez ele fosse da mesma opinião de Paixão – que Mesquita não tinha condição de se emancipar, depois que eu andei com as minhas pernas é que eu fui tomar os meus conhecimentos, porque na minha família, teve muito disso, como faço com os meus filhos, a gente dá primeiro o caminho, a gente ensina de acordo com a nossa ideologia, com que nós pensamos, depois que as pessoas crescem e podem andar com as suas próprias pernas, aí elas vão procurar o caminho. E assim foi comigo: meu pai, ele não foi, não foi, ele não se manifestou, não sei se sim, não sei se não...

(FÁTIMA) – Me diz uma coisa: quando é que sua família vem para Mesquita? Você nasceu aqui, mas quando é que a sua família veio?

(JUSSARA) – Meu pai veio para Mesquita, eu não tenho absoluta certeza, mas eu acho que o meu pai veio para Mesquita em 1945.

(FÁTIMA) – E vocês são, eles eram de onde?

(JUSSARA) – O meu pai é mineiro e minha mãe goiana. Meu pai mineiro, ele era farmacêutico em Minas. Tinha um serpentário onde ele enviava veneno de cobra para o Butantã. E ele, uma época, foi picado por cobra, por uma cascavel, e naquela época as coisas eram muito difíceis. As pessoas demoraram muito a dar o antídoto nele, e ele ficou muito tempo em coma, desacreditado. Depois ele ficou um ano cego. Então, eu digo que tenho sangue de cobra cascavel e de índia, porque a minha bisavó foi pega a laço da tribo Xavantes, casou com meu bisavô, o meu bisavô a laçou-a – o papo certo era esse. Então, eu tenho sangue de índio, de cascavel...

(FÁTIMA) – Brasileiro...

(JUSSARA) – É meio complicado e... Mas eu tenho um orgulho muito grande desse meu passado...

(FÁTIMA) – Agora, olha só, Jussara, você disse, o que você, quando o seu pai não se envolveu na primeira campanha da emancipação, agora, como que você teve notícias? As lembranças mais antigas da emancipação, como é que você tomou conhecimento disso, como é que você se envolveu, o que você achou logo de início.

(JUSSARA) – Bom, daí vem também a explicação porque de eu gostar tanto do Paixão. Quando em Mesquita já não se ouvia em falar em emancipação, eu não sabia nem que isso existia, porque aí foi aquele período que eu te falei, um período de estagnação ou que talvez eu não tinha sentido condição ou oportunidade de se falar de emancipação, ninguém nunca tinha

falado comigo. Então, o Paixão já tinha passado por vereador, por deputado, e assumiu uma cadeira de deputado, ele era suplente e assumiu, eu fui à posse, e de lá...

(FÁTIMA) – Que ano que era?

(JUSSARA) – Eu não sei exatamente te dizer o ano não... Eu não sei exatamente te dizer o ano não, mas deve ter o que, uns oito anos isso, uns oito anos passados, se eu não me engano, mas, eu fui à posse na, lá na assembléia, nós fomos e novamente surgiu o papo da emancipação. Aí nós tivemos, por esse plebiscito, tem aí, eu não tenho...

(FÁTIMA) – Foram três plebiscitos, em 1987 teve o primeiro...

(JUSSARA) – Teve o primeiro...

(FÁTIMA) – Que não teve quorum...

(JUSSARA) – Que não teve quorum...

(FÁTIMA) – Em 1993 teve o segundo, que pelas entrevistas foi quando entrou o Paixão...

(JUSSARA) – Foi esse de 1993, então esse de 1993 eu me engajei. Foi aí que eu me engajei, no de 1993. E eu fui para a rua cedo pedir Mesquita na rua, mas nunca tinha visto Mesquita na rua, foi a primeira vez que vi Mesquita, e eu me arrepiei...

(FÁTIMA) – Em 1993?

(JUSSARA) – Foi. Eu me arrepiei, chorei quando eu vi o povo na rua. Então eu fui votar e trabalhei e vi, me desculpe o que fizeram com Mesquita, disseram que Mesquita não teve quorum, aquilo é a maior mentira que pode acontecer. Para você ter uma idéia, teve helicóptero que desceu no Tênis Clube de Mesquita, levantou uma poeira e desarmou todas as máquinas. Mesquita teve quorum...

(FÁTIMA) – Isso em 1993 ou 1995?

(JUSSARA) – Em 1995, 1995, Mesquita teve quorum, e não deixaram Mesquita se emancipar, desculpa, não foi 1993: 1995.

(FÁTIMA) – Porque 1993 o teve segundo que também não deu quorum...

(JUSSARA) – Não deu quorum, mas teve quorum, eles disseram que não...

(FÁTIMA) – O terceiro é que foi em 1995...

(JUSSARA) – Aí no terceiro, aí foi quando o Paixão baixou o cerco, não permitiu. Então, foi uma coisa muito interessante que teve um movimento no Rio de Janeiro. Eu sou ruim de guardar as coisas, eu sou terrível, mas teve movimento no Rio de Janeiro e que foi um dia, eu tenho que procurar isso inclusive no jornal que é uma coisa que interessava. E foi todo mundo

vestido de branco pra, nós andamos a presidente Vargas, Avenida Rio Branco toda, um movimento de paz, e eu não me lembro exatamente, eu sou terrível para datas, e eu mandei fazer uma faixa, que eu tenho uma mão, eu sei escrever, eu tenho uma maneira de escrever muito grande, muito boa, eu tenho facilidade para escrever. Então, eu mandei fazer uma faixa dizendo assim – eu me lembro dos dizeres: “Mesquita exige respeito”, e peguei essa faixa e peguei uma amiguinha minha, uma garota, peguei meu filho, e nós três fomos, desfilamos toda a Rio Branco, aquela faixa, em frente ao Museu de Belas Artes, todo mundo estava sentado e eu pedi que virassem para faixa pro que o pessoal, e fui aplaudida, e tiraram um retrato dessa faixa e saiu no jornal o Globo e no jornal O Dia...

(FÁTIMA) – Você tem?

(JUSSARA) – Citaram o meu nome. Não _____, mas eu vou pesquisar isso. Que eu tenho no jornal o Globo, no jornal O Dia saiu “Mesquita”, algumas pessoas andaram com a faixa escrita “Mesquita”...

(FÁTIMA) – Então foi depois de 95?

(JUSSARA) – foi, e o mais interessante é que... Dos desembargadores que foram contrários a emancipação. Então, eu escrevi isso, saiu no jornal, não saiu meu nome, mas eu tenho a, saiu a foto, eu vi a foto, lá no meio com aquela faixa, aquela foto de multidão, mas que você botando a lupa, aproximando, você me vê com a faixa. E, mas, é o tal negócio: como a gente não tava fazendo disso um, como é que se diz, um comercial, eu não sei, talvez por inocência eu não guardei nada disso, mas tem como pesquisar...

(FÁTIMA) – Tem, até porque eu já peguei... Eu já fui no arquivo do Globo, conseguiu algumas notícias que eu vi na cúria, aí eu consegui no arquivo, é só acessar lá que eles têm...

(JUSSARA) – Esse movimento que tem no Rio, se não me engano, foi um dos primeiros movimentos que o Betinho fez, acho que foi o primeiro movimento que o Betinho fez. E ele, inclusive, ele terminava no final assim da Rio Branco, em frente a Lapa, e eles lá cantaram, e algumas pessoas, uns pediram que fosse de branco...

(FÁTIMA) – Eu acho que me lembro...

(JUSSARA) – E esse movimento eu acho que foi em 97...

(FÁTIMA) – Pela paz...

(JUSSARA) – Pela paz, eu acho que foi em 97...

(FÁTIMA) – Eu me lembro disso...

(JUSSARA) – Então, esse movimento, tem uma fotografia do jornal O Globo na primeira página, que você aproximando você vê, porque abriu-se um clarão, e eu estava com a faixa aberta. Então, se houver uma aproximação, a faixa está bem nítida. E depois eu estendi essa faixa em Mesquita, também não tirei foto, mas no jornal está escrito “algumas pessoas saíram...”, só não sabiam dizer quem era e porque.

(FÁTIMA) – Tá, você pode se por nessa parte do último plebiscito que foi em 95? Você participou desse comitê para emancipação? Você podia contar para gente como é que era a atuação desse comitê?

(JUSSARA) – Olha só, eu não participei do comitê, eu participei do trabalho efetivo de rua...

(FÁTIMA) – De 95?

(JUSSARA) – Isso... Então eu trabalhei, ajudei assim... Eu vou ser sincera, uma dessas coisas era muito fechada. Era um número reduzido de pessoas trabalhando, não foi uma coisa muito aberta, então, eu trabalhei assim. Eu fui para a rua, eu fiz, eu lutei para a emancipação de Mesquita, eu fiz campanha para a emancipação, e trabalhei na emancipação, chorei quando vi o resultado, chorei muito, chorei muito, chorei muito, a vontade, sinceramente, com toda minha, com toda minha educação, com toda minha formação, com toda minha formação, eu tive vontade de jogar pedra nos desembargadores. Então, eu hoje vejo, quando alguém faz alguma coisa desse tipo, a gente sabe que está errado, isso não é civilizado, a gente sabe, mas quando o sangue sobe dificilmente você consegue se controlar, quando eu vi Mesquita na rua votando, quando eu vi alguns vereadores que, hoje se candidataram, botando carro para botar o pessoal para a praia para não ter corum, o povo na rua votando, porque Mesquita foi em peso para a rua, Mesquita foi em peso...

(FÁTIMA) – Você pode descrever, assim, esse dia?

(JUSSARA) – Posso...

(FÁTIMA) – Então pensa aí e descreve...

(JUSSARA) – Eu levantei às sete horas, eu levantei as seis e meia da manhã, tomei um banho, tomei café, peguei meu carro e fui para a rua, e eu quando eu vi aquele povo na rua eu chorei. Então, o primeiro lugar que eu fui foi o colégio Dom Pedro I, na Chatuba, e quando eu vi aquela fila, na porta, e eles não abriam o portão, e eu ia passando pelo caminho vendo as pessoas e eu gritava, eu me lembro que eu gritei, eu me lembro que eu gritava “gente que coisa linda, que coisa linda”, eu gritava para as pessoas, as pessoas olhavam para mim. “essa mulher

é maluca”. Mas, eu estava muito emocionada, e o meu lugar foi Dom Pedro. E lá não abriam os portões de jeito nenhum, foi difícil, só abriram o portão depois que eu telefonei para o Paixão, que o Paixão foi para lá, porque o Paixão foi sempre uma pessoa muito respeitada em Mesquita, e ele que abriu o portão porque não abriam os portões do Dom Pedro. E as pessoas iam votar e não achavam os seus nomes, as pessoas... Aí o cara mandava você para, vamos dizer, de Dom Pedro mandava pro Nelson Cavaquinho, que é do outro lado, do Nelson Cavaquinho mandava pro Ana Neves, do Ana Neves mandavam pro _____, então eles faziam as pessoas andarem _____ até elas desistirem. As pessoas mais antigas não desistiam. Então, a Dulcinéia, essa professora amiga minha, Dulcinéia _____, parou a porta do Tênis Clube e começou a anotar o nome das pessoas que não conseguiam votar, só que naquela época celular não existia, então a gente tinha que passar para as outras, pras outras zonas eleitorais que fizessem o mesmo, e nós conseguimos algumas zonas, anotar o nome das pessoas que não conseguiam votar porque seus nomes não constavam. Então, eu comecei a rodar de carro por Mesquita desesperada, vendo todo mundo na rua e algumas pessoas não conseguiam votar, não achavam os seus nomes. Quando, aí o que nós fizemos? Dulcinéia ficou com esse papel e aí mostrou a Paixão. O juiz eleitoral veio e deu voz de prisão a Dulcinéia, porque ela entregar esse documento ao _____, ela disse que não ia entregar, e deu voz de prisão a ela, então Paixão percebeu e falou “Dulcinéia entrega, entrega”, então o juiz eleitoral levou todo esse documento, que dizia, que mostrava o nome das pessoas que não tinham conseguido, para que a gente mais tarde procurasse por elas. Aí, quando disseram que não teve corum, nós vimos que muita gente estava morta, e que eles contavam com esses mortos, ou seja, como voto válido. Aí, morreu uma amiga nossa. A Emi foi presidente de Associação, foi para o cemitério de Mesquita e levantou o nome dos mortos e foi pro cartório de Mesquita, mas tudo feito com dificuldade, porque as pessoas não abriam as portas, não abriam as portas, foi muito difícil esse trabalho. A Emi trabalhou muito para isso, e esse somatório de pessoas, que não estavam nem assim muito organizadas, foram trabalhos solitários, mas feitos com muita garra. Eu acho que foi aonde Mesquita teve essa emancipação. Então, nós ficamos aguardando na porta do Tênis Clube, eu não entrei, eu fiquei do lado de fora porque eu fico muito nervosa, começo a andar, eu sou assim, de repente me dá um ataque, eu saio falando o que não deve, eu sou sabe, eu me conheço, achei melhor ficar do lado de fora porque senão eu ia sair presa, eu ia sair presa, então, quando disse não, eu vou ser sincera, quando eu vi uma distinta professora de Nova Iguaçu, dizem que era alguma coisa do prefeito na época, que se enriqueceu vendendo

calcinha, todo mundo fala isso, ela tinha um mustangue, mustangue não, ela tinha o carro mais caro da época vendendo calcinha, _____, como, eu não sei. E ela saiu rindo...

(FÁTIMA) – O prefeito era o Altamir Gomes?

(JUSSARA) – Altamir Gomes, e ela saiu rindo de dentro do Tênis Clube, quando eu vi ela rir, sinceramente, eu perdi a cabeça, eu fui a primeira a partir para cima dela, no que eu parti, partiu todo mundo, e ela saiu fugida do carro dela, conversível, lindo, com aquele sorriso, eu não agüentei ver aquele sorriso no rosto dela, debochando da gente, ela nem de Mesquita era...

(FÁTIMA) – Deixa eu te fazer uma pergunta, em algumas entrevistas que eu fiz, disseram que um dos cargos eleitorais mais importantes nesse último processo de 95, foi o próprio Altamir Gomes, pela, pelo abandono. Vou te explicar, isso foi o que me falaram, pelo abandono que ele deixou Mesquita, o quê que você acha disso?

(JUSSARA) – Mesquita foi jogada às traças, Mesquita era toda esburacada, suja, lixo pelas ruas, escolas em ruína, sabe, Altamir Gomes acabou de acabar. Mesquita já era o curral de Nova Iguaçu, e Altamir Gomes deixou mais curral, não só Mesquita, Nova Iguaçu também foi abandonada, eu acho que um dos piores governos que teve foi o de Altamir Gomes, um dos piores governos que existiu em Mesquita, em Nova Iguaçu, foi o de Altamir Gomes, então foi esse caos, realmente ele contribuiu bastante para emancipação de Mesquita, mas eu acho que a luta de paixão assim fazendo aquelas, aqueles... Reuniões...

(FÁTIMA) – Mas como é que eram essas reuniões familiares?

(JUSSARA) – Essas reuniões eram o seguinte: nós fazíamos, um grupo de pessoas, ele ia a essas casas, ele falava sobre a emancipação, explicava o motivo, inclusive porque que ele não tinha participado das primeiras, ele era contrário. Ele nunca deixou de... Ele nunca deixou de admitir que ele foi contrário no início, inclusive, eu acho que foi um dos motivos que motivou, não se fala dessa forma, mas foi um dos motivos que motivou o Paixão a entrar numa guerra tão grande, acho que ele se sentiu endividado com Mesquita, ele sentiu que ele tinha um compromisso com Mesquita, que foi trazer a emancipação de Mesquita, até porque ele não participou das primeiras, ele era contrário, então eu acho que foi uma forma dele compensar o que ele não fez no início, e compensou.

(FÁTIMA) – Vocês têm isso registrado, essas reuniões familiares todas, quantas foram...

(JUSSARA) – Olha, eu não tenho essa... Eu pessoalmente não tenho, mas eu conheço pessoas que tem, inclusive o próprio senhor Edmundo tem tudo.

(FÁTIMA) – Tem tudo?

(JUSSARA) – Tem tudo. A Eni tem tudo, a Eni tem o material inclusive em fotos, que retrata tudo dessa história que ela participou ativamente porque ela tinha um trabalho político, que era presidente da Associação, eu não, eu era uma pessoa leiga, eu estava caminhando...

(FÁTIMA) – Qual era a Associação era presidente?

(JUSSARA) – Ela, ele...Era da Maria Duarte...

(FÁTIMA) – É, eu tenho uma amiga minha que geralmente _____. Eu já liguei para ela, mas quando eu liguei não tinha conseguido...

(JUSSARA) – Ela e o marido dela...

(FÁTIMA) – Ele faleceu?

(JUSSARA) – Ele faleceu, o marido dela tem todas as fotos que agora passaram para ela, mas eu na minha infância eu não fui criada para trabalhar politicamente. Lá em casa não se permitia esse tipo de coisa, não se falava em religião, não se falava em política, não se falava em time de futebol, porque meu pai dizia “religião, política e futebol não se discute, cada um tem o seu”, então lá em casa a gente, o meu pai era Lacerdista, era arena só se _____. Então, quando eu cresci, quando eu casei e fui para Santos, e depois quando eu voltei, eu voltei, como é que se diz, rebelde, eu fui criada direitinho: casei com uma pessoa que eu amava, que eu gostava desde os 14 anos, casei aos 18, 19, então eu achei que estava tudo muito certinho, quando o meu marido morreu, eu fiquei revoltada, “como é que pode, foi tudo certinho, como é que tiram esse tapete debaixo de mim”, eu voltei revoltada, revoltada no modo de falar, e comecei a transgredir com as leis por onde eu fui criada, e uma delas foi, me engajar no SEPE, andar em camburão, jogar pedra na polícia, quer dizer, tudo aquilo que eu nunca pude fazer porque eu não fui criada para isso. Mas quando o meu marido morreu eu falei “o quê? Foi tudo tão direitinho e agora dá tudo errado, não. Isso aí tem um motivo”. Aí, foi quando eu entrei no SEPE, que eu fiz as greves, que eu acho que foi as maiores greves que Mesquita já teve, foi a nossa, foi onde nós conseguimos todos os ganhos e hoje perdemos. Porque o SEPE, por isso que hoje eu sou contrário ao SEPE, já mudando, porque na nossa época o SEPE funcionava em prol do professor. Hoje o Sepe é uma coisa política, então, eu fui contra.

(FÁTIMA) – Agora, Jussara, olha só, você também já disse que você gosta muito de história, embora seja professora de música, mas você trabalha também com a história de Mesquita. Então, a gente queria que você contasse um pouco de, vamos dizer, aspectos que são importantes nessa história que a gente possa resgatar... Estar colocando, né, que você até já me falou sem gravador, né, mas acho que seria bom você colocar um pouquinho.

(JUSSARA) – Bom, os aspectos que eu acho de Mesquita assim, se eu fosse falar todos seria muito grande, né? Mas, um dos aspectos, assim, que eu acho muito importante, por exemplo, eu era criança e eu me lembro que meu pai me botou no carro. Meu pai era uma pessoa muito interessante. Ele gostava de colocar a gente no carro, e mostrar. Quando Lacerda, na Revolução _____ de Brasília, eu fui para Dutra com meu pai de carro, fizemos a carreata junto com ele. Fomos até o palácio Guanabara, onde ouvi ele falar, discursar... Então, meu pai tinha essas coisas. E meu pai me botou no carro uma vez e nós fomos para o BNH – não era o BNH. Aqui, antes do BNH havia a torre da antiga fábrica de telhas, quando ela foi colocada ao chão. Foi implodida. E nós, o meu pai dentro do carro, a gente ficou dentro do carro para ver essa implosão. Foi uma coisa muito interessante.

(FÁTIMA) – Foi quando, você lembra a época.

(JUSSARA) – Não, eu devia ter uns dez... Eu sou péssima... Mas eu vou te falar porque: com a morte do meu marido, uma parte do meu cérebro foi afetada. Então, para eu não ficar maluca, eu tenho a impressão que eu desliguei alguns chips.

(FÁTIMA) – Alguns neurônios.

(JUSSARA) – É... Exatamente nestes chips, nestes neurônios, nestas gavetinhas... Eu já tive um pouco de sessões de psicólogo, mas eu achei o meu psicólogo meio maluco e achei melhor parar.

(FÁTIMA) – Tá certo...

(JUSSARA) – Ele vai ficar mais maluco do que eu. Então, eu acho que para superar essa morte – afinal de contas foi o meu primeiro namorado, minha primeira paixão, eu tinha duas crianças pequenas, eu tinha 24 anos. Então, talvez, alguma coisa tenha se apagado.

(FÁTIMA) – Essa coisa das datas...

(JUSSARA) – E junto com isso que eu apaguei para não ficar maluca... Não ficar totalmente, então, eu acho que a memória... Eu sei das coisas, eu não me lembro exatamente. Mas, agora, é interessante que se você me perguntar qualquer número de identidade, carteira profissional, número de telefone, eu sei tudo. Eu sei. Eu te falo todos os meus documentos. Eu sei de cor e salteado a numeração, mas, essas coisas da época...

(FÁTIMA) – Da época né, do tempo... Tá, mas continua relatando...

(JUSSARA) – Tá, mas então nós fomos lá assistir... Eu devia ter uns dez anos de idade. Eu sou de 53.

(FÁTIMA) – Então foi em 63.

(JUSSARA) – Ah, 65... Por aí. Então, depois, uma coisa que eu achei muito interessante, historicamente, de Mesquita, é que Mesquita recebeu um nome de primeiro de Mutambo, pelo tanto de árvores, né, mutício de Mesquita. A memória da emancipação nas vozes da cidade. É, eu tô pesquisando a questão deste nome – Mutambó – ele é provavelmente do idioma Quibundo, que é africano, é uma variação de mutambo, né, que na verdade não tinha oxítone, né, do Quibundo. Mas, é a variação à portuguesa, porque você encontra mutambo, mutambó. _____ quando eu conversei com o professor Nioberto, que também é um pesquisador da história de Nova Iguaçu, portanto, né, nessas áreas aqui, ele disse o seguinte **(FÁTIMA)** - que ele não conseguiu encontrar nenhuma referência, nem uma fonte primária. E, essa denominação mutambo, mutambó. Ele falou assim: “olha, você pesquisa, porque eu já procurei muito. Quer dizer, no livro do Valter Prado está lá. Está lá. Eu tirei isso do livro dele, eu fui lá pesquisar qual era a árvore e tal. Agora, em outros livros...”

(JUSSARA) – Isso não se faz.

(FÁTIMA) – isso não se faz. Em outros livros mais antigos...

(JUSSARA) – Não se faz.

(FÁTIMA) – Não se faz. Eu queria te perguntar como é que vem essa tradição, ainda mais assim, a gente escuta falar em cooperativa de mutambó. Muitas referências ao nome de mutambó. Como o meu trabalho é com memória, com a historiografia mais pesada, né, então, eu vou poder trabalhar porque é da memória, né. Mas, por isso eu queria saber...

(FÁTIMA) – Pode continuar...

(JUSSARA) – Bom, é, a gente tem sempre uma linha de pensamento, né, de raciocínio, de estudo. Eu peguei a linha do Valter Prado eu tenho algumas referências históricas, mas eu fui na linha do Valter Prado.

(FÁTIMA) – Do livro dele.

(JUSSARA) – No livro dele. Eu achei que ele, que ele retratou muito bem a história de Mesquita, e, realmente ele fala sobre a árvore mutambo, que realmente havia essa dúvida sobre mutambó, que deveria ser acentuada. Então, Mutambo, né? Mas, quando você ouve a fita, que não é do Valter Prado, que é do Instituto Histórico – eu tenho a fita –, ele fala realmente mutambo. Então, como mutambo soa realmente mais fácil, a gente acaba falando

mutambo. Então, gera essa dúvida. Mas, gera essa dúvida por não ser acentuada. Mas, a fita fala mutambó. Então, ele disse que Mesquita era...

(FÁTIMA) – Isso quem tá falando na fita é o Valter prado?

(JUSSARA) – Não, não é o Valter Prado que fala. A minha fita é memórias da baixada fluminense falando sobre a emancipação de todos os municípios, mas não é de Valter prado. É histórica. Eu poderia até ter trazido para você.

(FÁTIMA) – Se você puder depois me emprestar a fita... Ela é o quê? De vídeo...

(JUSSARA) – A fita é de vídeo. Vai mostrando as imagens e vai falando. E fala até a emancipação de Mesquita. E fala, inclusive, em José Paixão como emancipador...

(FÁTIMA) – Isso foi quem fez essa fita?

(JUSSARA) – É o Museu Histórico Fluminense, se eu não me engano.

(FÁTIMA) – É com Museu Histórico Fluminense, é aquele que o Valter Prado participava. Não é isso?

(JUSSARA) – Então pode ser isso...

(FÁTIMA) Então já vi...

(JUSSARA) – Então, ele fala isso de Mesquita, mas tem a sua raiz porque afinal tudo em Mesquita é Mutambo, Mutambó, inclusive a estação se chamava Mutambo...

(FÁTIMA) – É, a estação, pelo que nos documentos consta, até 1834. Então, uma vertente fala que se chamava Parada de Mutambó, ou Mutambo, Mutambó, e depois a partir de 1834, com a inauguração é que passou a se chamar, Jerônimo de Mesquita...

(JUSSARA) – Foi o seguinte, em 1832...

(FÁTIMA) – Por isso inclusive que tem ali a...

(JUSSARA) – Em 1832, Dom Pedro, acho que foi 1832, Dom Pedro, veio a Nova Iguaçu, e ele, não, não, Dom Pedro veio a Nova Iguaçu e ele desceu em Mesquita, porque era a última estação. Desceu aqui e pegou a carruagem para Nova Iguaçu, e fizeram a estação, colocaram o nome de Jerônimo de Mesquita, que naquela época já estava doente, e foi quem arrematou as terras...

(FÁTIMA) – E que doou uma parte para fazer a estrada de ferro, né?

(JUSSARA) – Exatamente. Então, logo depois, dois anos depois ela foi inaugurada oficialmente, tiraram o Barão e deixaram só o Mesquita, né, tiraram o Barão de Mesquita e botaram só Mesquita, e que aliás eu acho Barão de Mesquita um nome bonito, porque

Mesquita, o Brasil tem uma tradição com negócio de barão, rei, príncipe, duquesa, no Brasil tem essa tradição, é rainha Xuxa, Rei Pelé, Rainha Elisabeth...

(FÁTIMA) – Ainda quer ser imperial...

(JUSSARA) – Pois é...

(FÁTIMA) – Nem república mais, né?

(JUSSARA) – Exatamente... Já tem essa tradição, porque não Barão de Mesquita? Aliás, seria muito bom, porque existe uma cidade chamada Mesquita em Minas...

(FÁTIMA) – Minas Gerais?

(JUSSARA) – Em Minas Gerais, então eu acho que deveria ser Barão de Mesquita ou Nova Mesquita, para diferenciar inclusive, né. Bom, então isso eu acho um fato importante, Mesquita ter tido esse privilégio de, historicamente, Dom Pedro ter aqui descido para pegar a carruagem e ir para Nova Iguaçu. Um segundo ponto que eu acho muito interessante em Mesquita, se você me perguntar a data eu também não sei...

(FÁTIMA) – Não tem problema...

(JUSSARA) – Saber eu sei, mas não me lembro, mas foi a última viagem que Getulio Vargas fez a São Paulo antes de falecer, antes de “suicidar-se”, porque esse suicídio de Getulio é meio complicado de se falar. Mas isso é uma outra história. Então, ele, o pessoal queria que parasse, que tivesse uma estação em Edson Passos porque lá havia um matadouro, e era mais fácil o pessoal trazer os gados das fazendas para embarcar, e não tinha estação. Eles tinham que vir até Mesquita, a maior dificuldade...

(JUSSARA) - Isso é uma outra história... Então ele, o pessoal queria que parasse, que tivesse uma estação em Edson Passos porque lá tinha um matadouro e era mais fácil para o pessoal que trazia o gado das fazendas para embarcarem, e não tinham estação, eles tinham que vir até Mesquita era uma dificuldade, e lá tinha o matadouro né, então, a Associação de Edson Passos, Edson Rui, resolveu que iam parar o trem a qualquer custo. E conta a história que uma senhora deitou na linha, o motorista, como é que se diz o motorista não, o condutor já sabia mais ou menos o que ia acontecer. Então, ele prestou atenção né, então, ele parou, e ficou sendo a estação do boi, ficou muito tempo, a gente conhecia como a estação do boi, não era, a gente não falava estação de Edson Passos, embora tivesse escrito Edson Passos, eu acho interessante porque estava escrito Edson com “i”, depois quando fizeram a, reformaram tiraram o “i”...

(FÁTIMA) - Tiraram o “i”...

(JUSSARA) - Tiraram o “i”, então ali em Edson Passos, foi uma pessoa que também lutou mesmo, e aí é interessante que aquela zona ali de Edson Passos é interessante, ali a escola Manoel Reis, ela tem a Rua Pereira Reis, que é lateral, Pereira Reis foi uma das um dos historiadores, eu acho que foi um que fez, ajudou na confecção da bandeira nacional _____ das estrelas, então é um homem, Mesquita, Mesquita tem historia, muita gente importante é daqui, sabe você vê, Pereira Reis não é que fosse daqui mas ele participou da nossa bandeira nacional...

(FÁTIMA) - Olha só Jussara, e os símbolos de Mesquita, o brasão já está aí, esse eu conheço...

(JUSSARA) - Eu tenho ele escrito...

(FÁTIMA) - Eu tenho também o texto...

(JUSSARA) - Mas eu não tenho certeza...

(FÁTIMA) - Mas você acompanhou o processo, porque isso foi um concurso...

(JUSSARA) - Foi um concurso, eu acompanhei esse processo sim, esse Sergio Mesquita foi o primeiro símbolo que houve já na emancipação. Aí, o símbolo é a serra mesclada, que tem um tom matizado de verde, ele vem com verde escuro, verde musgo, verde claro, faz uma tonalidade. Porque realmente a serra de Mesquita é a coisa mais linda. Meu pai dizia “eu adoro quando chega em Mesquita ver a serra”. Realmente uma coisa muito linda a serra de Mesquita, a Maria Fumaça que entrava ali na minha rua, cansei de ver a Maria fumaça entrar na minha rua, porque ela ligava Brás Ferro porque foi a primeira... A Brás Ferro foi a indústria mais importante do Brasil em vagões, ela fabricava vagões, então tinha o desvio ali da Central, ali na ferroviária, que entrava na minha rua mesmo, que ia até a Brás Ferro, tomava _____ da Brás Ferro, e que pegava os vagões. Então, circo, quando vinha, tudo chegava por ali, então eu morava do lado, cansei de ver a Maria Fumaça, e essa torre é a tal que eu te falei...

(FÁTIMA) - _____

(JUSSARA) - _____, a roda, que todo mundo _____. E está aqui na Brás Ferros, esta é a que eu tenho mais pena...

(FÁTIMA) - É, eu também, eu fiz um trabalho... Um dos meus trabalhos de mestranda foi porque que essa torre... Eu entrevistei várias pessoas, e tenho um trabalho sobre essa torre...

(JUSSARA) - Olha, eu sou uma pessoa meio esquisita para falar...

(FÁTIMA) - Perguntei para o senhor Edmundo porque que não fizeram, perguntei pro Nilberto, perguntei para o senhor Edmundo, eu falei “se vocês queria tanto que ela não caísse porque não, na hora de derrubar vocês não fizeram”, porque isso aí hoje pode...

(JUSSARA) - Falta de competência, eu sou verdadeira, não sou mentirosa, falta de competência...

(FÁTIMA) – Porque até hoje ninguém me disse o correto...

(JUSSARA) – Infelizmente, infelizmente, infelizmente... Nós tivemos pessoas, compondo o governo incompetente, nós tivemos, a verdade é essa, compuseram o governo e traíram Mesquita, traíram Mesquita e traíram a bondade de José Monte Paixão, e uma dessas pessoas foi a responsável por ter caído essa, porque não precisava, ela podia ter sido escorada e ter feito um trabalho, porque a final de contas ela faz parte do símbolo de Mesquita, mas infelizmente essa pessoa incompetente, fez não só essa besteira, como fez várias outras besteiras em Mesquita...

(FÁTIMA) – É...

(JUSSARA) – Eu fico assim, que de repente, mas todo mundo sabe de quem eu estou falando...

(FÁTIMA) - Não, eu não sei, não, eu nem sei também. Mas, porque olha só, eu descobri quando eu estava fazendo esse trabalho, eu tenho um trabalho, já apresentei no mestrado, estou terminando o mestrado ainda na verdade, um dos trabalhos foi sobre a torre da Brás Ferro, porque eu morei aqui também em Mesquita, na época...

(JUSSARA) - Ué...

(FÁTIMA) - E a torre eu lembrava e tudo, e quando na época da construção do complexo né, que eu sabia que era na Brasferro, uma das coisas que eu já achava que, tinha aquela... Eu... Mas é uma coisa individual, que a fachada era um patrimônio...

(JUSSARA) - Era um patrimônio...

(FÁTIMA) - Até porque, por exemplo, se você vai em Vila Isabel, aquele supermercado era uma antiga fábrica...

(JUSSARA) - Exatamente...

(FÁTIMA) - Eles aproveitaram...

(JUSSARA) - É lógico...

(FÁTIMA) - Aí eu fiquei perguntando às pessoas, e as pessoas “não, mas a gente não _____ realmente”, só teve uma senhora aqui no _____ que era um de patrimônio do Estado que

achava que tinha que manter a fachada. Eu falei “e a torre da caixa d’água?”, umas falaram que tinha que, que deveria, que a _____, que é a federação tinha enviado uma carta ao prefeito, e ele se comprometeu que a torre não iria cair, e depois eu soube que teve um vereador, eu peguei o projeto de lei, antes dessa derrubada, nesse projeto de lei estava preservado a torre, pelo menos a torre, esse projeto eu peguei, eu tenho esses documentos, eles foram, ele foi aprovado pela câmara dos vereadores, aí eu falei assim “e depois da câmara” porque tem que ser sancionado pelo prefeito, aí ninguém mais soube me dizer...

(JUSSARA) - Não, é porque você deve ter se complicado...

(FÁTIMA) - Aí eu falei “gente, é por isso que esse país é complicado, quer dizer, aprova um projeto, independente de ser vereador _____”.

(JUSSARA) - Exatamente...

(FÁTIMA) - Aprova, os vereadores aprovam, leva para o gabinete do prefeito, para ser sancionado, ninguém me falou até hoje se foi sancionado ou não...

(JUSSARA) - Exatamente, mas sabe o que acontece, deixa eu te falar, o Brasil tem uma tradição, o Brasil tem uma tradição muito triste de não levar o povo para saber, ou melhor, o povo não tem uma tradição de correr atrás dos direitos, o povo em si não tem essa tradição. O povo brasileiro, ele foi muito acomodado, então, ele não tem essa tradição, e quando alguém corre atrás, é jurado até de morte. Infelizmente, a verdade é essa, então, o Paixão confiou muito em algumas pessoas que não deveria confiar, mas por aquela história de cada *macaco no seu galho*, então eu _____, eu sei. Eu sou professora, eu sei, então, deixou na mão de uma pessoa que infelizmente, não mereceu ser o que era, a posição que ele era, e fez uma série de besteiras, entre elas essa torre que poderia ter sido mil coisas e não foi, eu, por exemplo, acho que o muro da Brás Ferro não deveria ter sido jogado ao chão, que era um muro extremamente sólido e bonito, ele podia ter sido decorado...

(FÁTIMA) - Aquela fachada...

(JUSSARA) - Exatamente, aquela fachada, aquela frente poderia ter sido restaurada, mas o pessoal acha que é antigo, é arcaico, coisa que não é, nós temos aí o sistema de Mesquita que aquela frente tinha que ter sido conservada, qualquer pessoa que comprar ali eu ouvi dizer que tudo a gente ouve dizer, a gente não quer saber...

(FÁTIMA) - Ouço...

(JUSSARA) - Eu ouvi dizer que havia um projeto, até me informei sobre isso, se podia fazer um projeto, para preservar a frente do cinema de Mesquita, que é na praça...

(FÁTIMA) - Sei...

(JUSSARA) - Acontece que os políticos, eles são assim “eu fiz isso”, o outro que vem quer fazer diferente, nem que seja igual, mas ele dá um nome diferente. E as pessoas, infelizmente, elas não aceitam o que o outro fez, elas querem destruir para fazer o delas. É uma vaidade muito idiota, é uma vaidade muito mesquinha, é uma vaidade de gente, de gente que não tem...

(FÁTIMA) - E quem perde é o povo...

(JUSSARA) - Quem perde é o povo, mas o povo também, por sua vez, não corre atrás dos seus direito, o povo é igual a elefante: se o elefante soubesse a força que tem, eu juro que ele não ficava naquele tamborzinho pequinininho levantando as quatro patas levantando um dedo para ele não cair. Ele não sabe a força que ele tem, e o povo não sabe a força que ele tem, para o povo é —, n ir, eu acho que Mesquita vai sucumbir, porque Mesquita depois da doença de Paixão não morreu...

(FÁTIMA) - Você acha que não tem nem, não tem mais possibilidade?

(JUSSARA) - Pessoalmente eu acho que não. Tomara, eu rezo para que eu esteja errada, e eu gostaria que alguém chegasse para mim agora, nos dois anos para frente “eu disse que você estava errada”, e gostaria que alguém botasse o dedo no meu nariz e dissesse para mim daqui a uns dois anos: “você estava errada”. O PT ganhou isso aqui e fez Mesquita evoluir. Eu queria, eu juro para você com toda sinceridade, mas eu não tenho esperança disso, e gostaria, volto a dizer, gostaria que alguém me enfiasse o dedo no nariz, sabe me provocasse “você viu só, Mesquita está evoluindo”.

(FÁTIMA) - Mas Mesquita é muito jovem, só tem quatro, cinco anos...

(JUSSARA) - Mas acontece que o povo quer começar a mapear Mesquita novamente. Mesquita quando era de Nova Iguaçu, a gente tem conhecimento como é o governo, é mapeado né, para você ter uma idéia, quando eu trabalhava em Mesquita, e eu era concursada por Nova Iguaçu, as escolas eram mapeadas por vereadores, então você tinha que entregar o título de eleitor para conseguir uma vaga. Quando o Paixão assumiu acabou isso. Chegava lá, tinha vaga, tinha, não tinha eu fazia uma lista de espera, conforme alguém ia saindo, as pessoas às vezes tem aquele processo antigo, se inscreviam em todas as escolas, e a vaga que saísse mais perto da escola, então algumas escolas ficavam sobrando vagas, então eu ia

chamando, telefonava, ia na casa da pessoa, fazia o negócio direito. Mas agora eu tenho impressão que Mesquita vai ser mapeada de novo, tanto é verdade que quando Paixão ficou doente, imediatamente um vereador assumiu na minha escola e me tirou da escola. O que foi assim, não digo, eu acho, eu acho, que deveriam ter chamado nós diretores. E o problema é o seguinte: acabou política, ou vocês trabalham sem falar em política, continuam o serviço de vocês que faltam oito meses, sete meses para o governo terminar, se vocês falarem política a gente tira vocês, mas continuam o trabalho. Pelo menos os diretores trabalhavam direito, e, no entanto não aconteceu isso, foi politicamente, o vereador da área, tirou, até porque nós dois não nós entendemos, e colocou uma diretora que fez mil e uma besteira dentro da escola, até que tiraram ela, inclusive, agora, porque o que ela fez não se faz, destruíram _____, _____ foi destruída, e as mães até hoje choram, falam para mim “Jussara, sinceramente aquilo lá acabou”. Então, cadê o povo que não se reúne e vai pedir? E não tenho interesse em voltar para a escola, porque eu dei muito para aquilo ali e está tudo destruído. Então, eu acho que não tenho mais pique para começar de novo dentro de outra turma. Então ele, nós temos, eu acho que brasileiro não é muito, ele não é, se você falar assim “vamos quebrar”, vai todo mundo, agora se você fala “vamos lutar pacificamente, uma luta bonita, uma luta pacífica, uma luta tipo Mahatma Ghandi”, as pessoas não querem.

(FÁTIMA) – Agora, vamos voltar aqui... É, você lembra do concurso, como é que foi o concurso para escolher o símbolo?

(JUSSARA) - Lembro...

(FÁTIMA) - Você lembra.

(JUSSARA) - Lembro porque, esse menino, Luis Cláudio, Luis Otávio, né? Inclusive foi nomeado aqui na casa de cultura uma grande vitória do seu Edmundo, aquela casa de cultura é um dos sonhos do seu Edmundo, aquilo ali foi criado com um carinho muito grande, e foi lá a entrega do prêmio...

(FÁTIMA) – Sei...

(JUSSARA) – Então, foi um concurso aberto ao povo, e foi assim, o brasão foi aberto a qualquer pessoa de Mesquita, a bandeira nacional, a bandeira de Mesquita, foi aberto um concurso nas escolas públicas, e o hino, foi também, saiu no edital que seria também aberto ao público. O brasão a gente ainda conseguiu ainda sair do papel, foi premiado e tudo, sancionado, saiu a lei, mas foi uma dificuldade para que a câmara aprovasse essa lei, ficou lá mais de um mês, ficou lá mais de um mês engavetado, e eles não aprovavam o brasão. Custo,

como é que se chama? A bandeira, antes do Paixão ficar doente já tinha sido escolhida, mas foi logo assim, o Paixão ficou doente...

(FÁTIMA) – Mas foi aprovada já a bandeira?

(JUSSARA) - Foi aprovada na secretaria de educação, foi escolhida...

(FÁTIMA) - Mas ela tem que ser, ela tem que passar pela câmara também?

(JUSSARA) – Ela tinha, não, ia ser mandada a mensagem...

(FÁTIMA) - Tá...

(JUSSARA) - Mas aí já esbarrou, porque seriam só as crianças das escolas municipais, mas aí já não saiu...

(FÁTIMA) - E...

(JUSSARA) - Mas aí o hino, eu era presidente, eu, Jussara, era presidente da comissão...

(FÁTIMA) - Tá...

(JUSSARA) - Mas também não saiu do papel, nós estávamos com tudo já pronto para o concurso...

(FÁTIMA) – Me diz uma coisa, vocês, como é que vocês fizeram esse brasão? Teve algum apoio técnico? Porque na verdade nós trabalhamos já no mestrado com _____, nós temos uma, tem um setor lá de _____, e eu pedi para analisarem, por exemplo, que eu tenho tudo, tenho o texto, tenho tudo, e a minha colega que trabalha com brasões, ela disse que estava muito bem feito, inclusive dentro do padrão da _____. Ela falou assim, “certamente teve algum técnico de _____ que apoiou ou então deu as bases para você fazer” por isso que eu estou perguntando.

(JUSSARA) – Eu acho, não tenho certeza, sabe, mas eu acho, porque alguma coisa aqui é de Nova Iguaçu né, como a cana de açúcar, a laranja, porque é a mesma coisa, a mesma mãe...

(FÁTIMA) – A mesma coisa... E um espaço contínuo, aqui teve laranja..

(JUSSARA) - Exatamente... Inclusive Mesquita tinha a fazenda cachoeira, a fazenda São Matheus, inclusive a fazenda São Matheus e Cachoeira, as duas juntas eram as novas fornecedoras da vale de água ardente, era até exportada, água ardente de boa qualidade, inclusive de exportação. A laranja de Nova Iguaçu, eu me lembro, tanto é que _____ lá em Laranjais né, e você andava, e realmente era douradinho, o sol batia, parecia ouro, e aquela rural ali a gente gostava muito, meu pai me levava muito lá para ver o é...

(FÁTIMA) – Beneficiamento?

(JUSSARA) – Beneficiamento das laranjas. Então, era um negócio tão interessante, eram cinco roldanas, igual a gente faz aí para moeda, eram cinco roldanas, e as laranjas iam passando. As maiores ficavam, depois ficavam as outras menores, até ficar as pequenininhas, e aquilo era interessantíssimo, conforme elas passavam pela roldana ela era lavada, e eram selecionadas, e aquilo era muito interessante, muito interessante mesmo, então eles pegaram a cana de açúcar e a laranja, agora, em relação a isso que você falou, eu acredito que deve ter tido um apoio técnico, tanto é que a _____, embora ele tenha feito a arte final, agora acredito que a pessoa que fez, fez com amor, até porque para saber todos os símbolos, a maneira de colocar, que Mesquita também tem essa torre...

(FÁTIMA) – Essas torres aqui elas significam os limites na _____. Isso aqui são os cinco vizinhos, mas na _____ a torre né, significa barreira, então é isso que eu estou falando, tem gente que interpreta lá na disciplina... Então, é, a pergunta era essa, se teve alguma assessoria, mas...

(JUSSARA) – Deve ter tido, tanto é que isso aqui foi aberto não só em escola, porque uma criança não teria condição, já a bandeira, por ser uma coisa mais, não...

(FÁTIMA) – Tem o brasão a bandeira?

(JUSSARA) - A bandeira tem, a bandeira foi eleita com o brasão, mas ela não foi aprovada...

(FÁTIMA) – Agora, olha só, agora eu vou fazer uma pergunta, que eu não sei se você vai, se você sabe, se você participou, por que o brasão? Pelo seguinte, o brasão é um símbolo monarquista, e aí eu estou falando mais como do mestrado mesmo, porque, para gente entender, brasão é um símbolo monarquista, da época, inclusive, medieval e que foi trazido de Portugal pra cá. Nós estamos no ano de 2001, 2004, e não tem obrigatoriedade hoje de você constituir símbolos de uma cidade, ter um brasão. Você não tem essa obrigatoriedade porque eu fui atrás para saber se tinha, não existe essa obrigatoriedade, as cidades elas fazem isso se quiserem, se desejarem, né, então, por que, não sei se você acompanhou essas discussões, por quê que decidiram fazer um brasão para Mesquita?

(JUSSARA) - Olha só, realmente eu não acompanhei exatamente isso, mas eu vou te dizer uma coisa: quando você faz alguma coisa, existe _____. Você tem que autenticar, então, quando você escreve uma carta, quando você manda um ato oficial da prefeitura ou do estado existe uma forma de você colocar algo, tipo o selo, vamos dizer, o estado do Rio tem o seu brasão que é colocado no início dos seus documentos acima a esquerda, e Mesquita tinha, um símbolo, uma maneira de você identificar o lugar, como a Guanabara, os dois golfinhos, então

é uma maneira de você identificar, não é que você queria copiar uma coisa monarquista, embora também não veja nada de mais...

(FÁTIMA) – É uma tradição monarquista...

(JUSSARA) – Mas eu não vejo nada de mais a esse respeito, até porque a tradição, o país que não cultua as suas tradições ele morre, eu acho que a tradição está no DNA. Então, eu acho que se você não souber cultivar, cultivar essa tradição, você acaba por sucumbir, porque cada vez que você for substituir, então você vai perder essência. Então, eu não vejo nada contra a tradição do brasão, eu acho até uma identificação muito positiva, a primeira bandeira foi trazida em 1504, junto com as primeiras pessoas que pisaram, a primeira bandeira brasileira que tinha um brasão realmente português, e de lá pra cá ele só foi evoluindo. Então, eu acho que isso aí não tem nada de mais, eu acho até, eu acho lindo...

(FÁTIMA) – Não, era pergunta era como concebido né?

(JUSSARA) – Eu não sei exatamente como ele foi concebido, mas por eu ser ligada à tradição, que eu cultuo a tradição, eu cultuo a pompa, eu acho lindo, eu acho que isso aí acontece. Tá a primeira potencia do mundo, Estados Unidos que cultua a sua tradição, se é errado ou se é certo, eu não estou discutindo isso tá? Eu estou discutindo a tradição americana eu acho até bem idiota, mas é o que sustenta o país. A Europa, tão antiga né, você vê a Inglaterra, a gente não fala muito da Inglaterra, mas a Inglaterra é uma coisa maravilhosa, é uma pompa, é belíssima, mas é uma pompa, você viu agora a Grécia, que puseram lindas _____ em todos os jogos, toda encima das antiguidades, como ficou bonito o antigo com o moderno, né? Então, eu cultuo muito, eu cultuo muito o antigo, eu cultuo muito a tradição, eu não sou diz que tradição é para museu, não, eu acho que se você não souber da onde você veio, dificilmente você vai saber a onde você vai chegar, você vai ficar perdido, eu sou muito folclorista, eu sou professora de folclore.

(FÁTIMA) - Você acha que todos, as marcas principais de Mesquita, as principais, estão contidas dentro do símbolo? Faltaria alguma o seu ponto de vista?

(JUSSARA) - Do meu ponto de vista faltaria uma, o _____ de Mesquita, o riacho, aquele riachozinho que vem lá da cachoeira.

(FÁTIMA) - _____.

(JUSSARA) - É, esse rio, eu tomei banho nesse rio. Esse rio aí, ele é um rio interessante, ele fez parte de algumas historias, porque a Brás Ferro lançava o óleo nele, e volta e meia ele pegava fogo. Então, teve um aluno inclusive que fez uma redação dessa e foi reprovada: “O

fogo no rio”. Só que as pessoas não entenderam que ficava aquela nata de óleo e alguém jogava um fósforo ou cigarro, e pegava fogo em cima do rio, realmente pegava fogo no rio. Então, eu sou dessa época. E uma coisa que eu fiquei muito triste, que foi meu pai que fez, que eu tinha muita vontade de acabar com o, porque nos tínhamos a rua da cachoeira, que é essa daí da frente, e meu pai por ser amigo de _____, que era praticamente o dono de Mesquita que era o dono do _____, o meu pai, em homenagem a ele, pediu para trocar a câmara dos vereadores em Nova Iguaçu, o nome da rua da Cachoeira para o nome Rua Mister _____.

E a câmara não aceitou. Sabe, e eu tinha muita vontade de, como herdeira do meu pai, pedir para que voltasse a rua da cachoeira.

(FÁTIMA) – Bota em outro, em outra rua o nome do Mister _____...

(JUSSARA) – Pode colocar lá na praça, faz qualquer coisa que, sabe, realmente o Mister _____ foi muito importante...

(FÁTIMA) – A rua da cachoeira é essa aqui que corta?

(JUSSARA) – É essa aí...

(FÁTIMA) – Tá...

(JUSSARA) – Então, o que é muito, acredito, é que todos os esgotos de Mesquita caem nele, eu acho que é uma agressão muito grande. Mas, ele era limpo, ele era muito limpinho e tal, a gente vinha, a gente pescava nele, a gente tomava banho, a gente brincava nele, escondido da mamãe, lógico, mas a gente fazia isso. Então, eu acho que faltou no símbolo a cachoeira, o que é ruim, porque ela divide Mesquita praticamente, assim como _____, eu acho que faltou. Mas não desmerece, o trabalho ficou muito bonito, ele retratou as serras, infelizmente a bendita torre que foi destruída, ela não caiu, ela foi destruída, desculpe, mas ela foi destruída, ela não caiu. A Maria Fumaça. Então, eu acho que se tivesse que acrescentar alguma coisa, não sei como, seria o rio, seria a cachoeira, o rio, que eu acho ela muito importante. E só isso, mas de resto eu acho que não desmerece o trabalho...

(FÁTIMA) – Eu acho que ele ficou muito bonito...

(JUSSARA) – Muito bonito, você só me perguntou se faltou algum eu dei minha opinião, mas vou dizer, não sei se caberia, eu não sei se caberia ali, talvez não ficasse bom, porque eu não entendo disso, não sei como fazer. Agora, eu fiz o hino, por exemplo, do _____. Depois, eu nunca mais eu tive mais nenhuma inspiração. Eu acho que o hino de Mesquita é necessário, eu acho que é como futebol, você vai para lá e canta o hino do Flamengo, hino do Vasco,

Rua da
Cachoeira

aquilo te motiva, eu acho que Mesquita tinha que ter, infelizmente, a câmara não deixou o hino sair...

(FÁTIMA) – Mas ainda tem coisas pela frente...

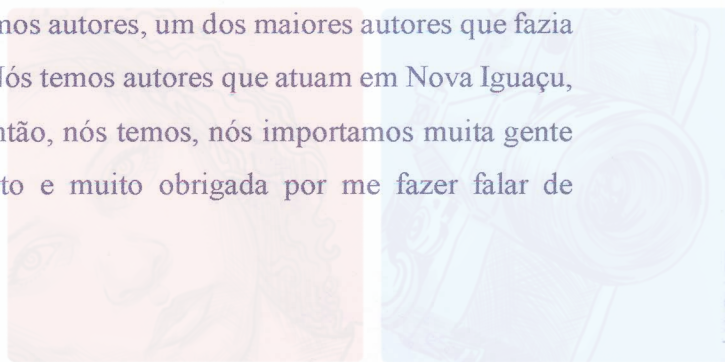
(JUSSARA) – Tem coisas pela frente. Vamos ver, é o que eu estou te falando, tomara que esse governo chegue no meu nariz e bote o dedo e diga “você viu”, e eu vou ficar feliz, sabe aquele momento que você perde?

(FÁTIMA) – Porque você ama Mesquita independente de tudo, né.

(JUSSARA) - Perdi, mas eu fui feliz. Eu perdi uma aposta, mas eu estou feliz, eu estou torcendo contra mim, você sabe disso, que eu estou torcendo contra mim, para que eu seja totalmente errada, infelizmente eu acho que eu não estou...

(FÁTIMA) – Bom, Jussara, acho que é isso, né. Eu acho que você foi ótima, né, acho que colaborou bastante com nosso trabalho. A gente queria saber se a gente pode usar, se você autoriza já, né, o uso de trechos da sua entrevista para o nosso trabalho da universidade, e a gente queria agradecer esse depoimento...
squita, todas essas pessoas aí se trataram com meu pai, doutor Piloto. Meu pai trouxe o doutor Airton para Mesquita, trouxe doutor Heitor para Mesquita, foi meu pai que trouxe, meu pai contava muito que ele perdeu uma bota em Mesquita, porque Mesquita era um mangue, tinha jacaré. Então, meu pai diz que perdeu uma bota, lá para cima de, da Chatuba, aí, até hoje não foi achada. Essa aqui na frente foi um cemitério de escravos, quando começaram a escavar para fazer as piscinas acharam várias ossadas, e ninguém deu muita bola. Outro dia eu vi não sei quem falando na televisão, no Jô, que lá para cima tem no nordeste, tem o único vulcão brasileiro. Não, nós tínhamos um vulcão em Mesquita, que é o morro do vulcão, que é em Nova Iguaçu, aliás. Que é um vulcão extinto, então, não é no nordeste que tem o único vulcão não, nós temos o nosso aqui, e eu fiquei muito chateada deles falarem aquilo em público porque eu sou muito bairrista. Então, para mim é um orgulho muito grande, eu acho que essas pessoas deveriam ser reverenciadas, entre outros. É até chato a gente falar nomes, porque a gente acaba esquecendo, né? Mas meu pai foi o primeiro farmacêutico de Mesquita, primeiro médico, atendeu muita criança, salvou muita criança, tendo dinheiro ou não tendo as pessoas eram atendidas por ele. Doutor Jacson, seu Evair, que já faleceu, José Monte Paixão, que infelizmente está doente, e que eu... Sabe, eu estou me preparando para o dia de Paixão falecer, e eu vou acabar junto. Deixa eu ver... Fora isso as pessoas que ajudaram a Mesquita a

crescer, foram muitas, nós temos autores, nós temos autores, um dos maiores autores que fazia as musicas de Roberto Carlos era de Mesquita. Nós temos autores que atuam em Nova Iguaçu, também daqui de Mesquita, de Nova Iguaçu. Então, nós temos, nós importamos muita gente boa, isto aqui é uma terrinha boa, nesse ponto e muito obrigada por me fazer falar de Mesquita.



CEPDIIM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ